

Eduardo Tessari Coutinho (org.)



Cepeca

**Uma Oficina de
PesquisAtrizes e
PesquisAtores v.3**

ISBN 978-65-88640-40-1
DOI:10.11606/9786588640401

São Paulo
ECA -USP
2021

Organização: Eduardo Tessari Coutinho

Direção de arte e diagramação: Maria Eduarda Borges

Diagramação do texto "Um ensaio a dois corações: o corpo do artista popular entre silêncios, palhaçadas e sonhos": Renata Vendramin

Capa: Maria Eduarda Borges

Revisão: Daniela Caielli

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

C399 CEPECA [recurso eletrônico] : uma oficina de PesquisAtrizes e PesquisAtores v. 3 / organização Eduardo Tessari Coutinho. -- São Paulo : ECA-USP, 2021. PDF (189 p.) : il. color. -- (PPGAC ECA USP 40 anos ; 1).

ISBN 978-65-88640-40-1
DOI:10.11606/9786588640401

1. Teatro - Representação. 2. Teatro - Pesquisa. 3. Corpo. 4. Arte - Estudo e ensino. I. Coutinho, Eduardo Tessari. II. Série.

CDD 23. ed. – 792.028

Elaborado por: Lilian Viana CRB-8/8308

Autorizo a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte, proibindo qualquer uso para fins comerciais.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Todos os esforços foram feitos para que nenhum direito autoral fosse violado no *CEPECA: Uma Oficina de PesquisAtrizes e PesquisAtores v.3*. As fontes citadas foram explicitadas no texto ou em notas de rodapé ou de fim, e as imagens foram pesquisadas para creditar seus autores. Porém nem sempre foi possível encontrá-los. Caso algum texto esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, entre em contato com Eduardo Tessari Coutinho que teremos prazer em dar o devido crédito.

Universidade de São Paulo
Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan
Vice-reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

Escola de Comunicações e Artes
Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli
Vice-diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro
Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443
Cidade Universitária CEP-05508-020



**CEPECA:
CAMINHOS COLETIVOS
DA PESQUISA GUIADA PELA
PRÁTICA E SUAS RESULTANTES
TEÓRICAS E ESPETACULARES**

Por
Eduardo Tessari Coutinho
Eduardo de Paula
Ipojucan Pereira da Silva
Rogério Emilio de Moura

O CEPECA – Centro de Pesquisa em Experimentação Cênica do Ator¹, grupo criado pelo Professor Titular Dr. Armando Sérgio da Silva em 2007, tem em seu DNA o risco da pesquisa, a começar pelo seu caráter de experiência aqui nesta escrita, na forma e conteúdo, no seu modo coletivo de escrever, sem deixar de explicitar a individualidade de seus membros. Sediado na sala 22 do Departamento de Artes Cênicas da ECA/USP, o grupo é um coletivo acadêmico voltado ao aprofundamento de estudos em Artes Cênicas com foco na área de pesquisa, em especial na prática atoral. Desde 2008, o CEPECA está oficialmente registrado no CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). A partir de 2016, com a aposentadoria do Prof. Armando em final de 2015, o grupo passou a ser coordenado pelo Prof. Dr. Eduardo Tessari Coutinho, que já atuava como vice coordenador do CEPECA desde 2010.

Seguindo a própria metodologia de trabalho desse coletivo de pesquisadores, o texto que aqui se apresenta foi escrito pelo Mestre Rogério Emílio de Moura, o Prof. Dr. Eduardo de Paula, ambos ex-integrantes do grupo, o Prof. Dr. Ipojucan Pereira da Silva e o Prof. Dr. Eduardo Tessari Coutinho, ambos integrantes atuais do CEPECA. A maneira de se comunicar também faz parte do pesquisar.

O Mestre Rogério Emílio de Moura foi orientando do Prof. Armando, detém o material escrito de seu orientador e, por isso, traz o histórico do grupo. O Prof. Dr. Eduardo de Paula foi aluno do Prof. Armando em três importantes ocasiões: (1) na graduação, nas disciplinas de Interpretação Teatral I e II: Bacharelado em Teatro; Habilitação em Interpretação Teatral (CAC-ECA/USP) (1994 – 1998); (2) orientando no mestrado (2009 – 2011) e (3) no doutorado (2012 – 2015), ambos no PPGAC-ECA/USP. Ele descreve a experiência de quem participava do grupo com o seu orientador presente. O Prof. Dr. Eduardo Tessari Coutinho traz a vivência da orientação, refletindo sobre a sua trajetória e sobre as questões desta função neste grupo. Já o Prof. Dr. Ipojucan Pereira, que foi orientando do Prof. Dr. Felisberto Sabino da Costa, traz a experiência de participar do grupo sem a presença de seu orientador. O Prof. Ipojucan liderou o CEPECA nos seis meses do pós-doc do Prof. Coutinho (2017/2018). Com isso, pretendemos mostrar a diversidade de experiências no grupo.

Uma constatação histórica: o grupo sempre foi, nesses 13 anos de existência, constituído em sua maioria por mulheres. Assim, reconhecemos a incoerência de serem quatro membros homens a escrever. Foi colocado para todas(os) do grupo o convite para escrever este artigo. Pela questão do prazo exíguo para a escrita, foram 18 dias, apenas este grupo topou escrevê-lo. Por

¹ Hoje temos chamado internamente com o final “em Atuação” no lugar de “do Ator”, até saber se será possível essa mudança sem a perda do histórico do grupo.

isso, como reconhecimento da importância delas para o CEPECA, colocamos em jogo o gênero feminino como principal na grafia quando nos reportamos ao grupo.

Um Coletivo De Individualidades

Rogério Emilio de Moura

O CEPECA é um coletivo acadêmico de pesquisa que tem uma temática ampla, distinto da maioria dos grupos deste tipo, que seguem o mesmo tema de investigação de seu/sua líder. A pesquisa guiada pela prática em atuação é o seu centro. Além disso, participam pessoas interessadas em frequentar o ambiente do CEPECA com ou sem título acadêmico.

Nesses 13 anos de existência, o grupo publicou dois livros: *CEPECA - Uma Oficina de PESQUISADORES*, em 2010, *CEPECA - Uma Oficina de PESQUISADORES 2*, em 2014, com artigos de suas(seus) integrantes, cada uma(um) escrevendo um artigo acerca de suas pesquisas. Importante dizer que mesmo aquelas(es) que não estavam cursando mestrado ou doutorado puderam participar das edições. Em função destas publicações foi cunhado o termo *PesquisAtores*. Em 2012 foi lançada a *Revista PesquisAtores*, que teve apenas dois números, 2012 e 2013.

Além disso, o CEPECA criou e participou de mostras em parceria com outras instituições, como SP Escola de Teatro, TUSP, Secretaria de Cultura de Mogi das Cruzes, Faculdade Paulista de Artes. Nestes encontros foram apresentados espetáculos, ministradas oficinas, feitos debates, sempre relacionados às pesquisas desenvolvidas pelos seus membros. Estas atividades buscam aproximar a academia da sociedade. Também acontecem encontros com outros grupos de pesquisa, do mesmo Programa, como O Círculo – Grupo de Estudos Híbridos das Artes da Cena, liderado pelo Prof. Dr. Felisberto Sabino da Costa, e de outras Universidades, como o Grupo de Pesquisa em Poéticas Atorais, liderado pela Profa. Dra. Lucia Romano, da UNESP, e o grupo LUME - UNICAMP, com o Prof. Dr. Renato Ferracini, com os quais há a partilha das pesquisas e uma aproximação entre as(os) pesquisadoras(es).

Em 2013 foi criado o projeto *Inter-Câmbios: Dramaturgia do Ator* pelo Prof. Coutinho, que propunha o intercâmbio das(os) pesquisadoras(es) do CEPECA que estavam no mestrado e doutorado com pesquisadores(as) da Escola Superior de Teatro e Cinema, do Instituto Politécnico de Lisboa, Portugal (ESTC/IPL). O projeto foi escolhido no Edital de Intercâmbios Internacionais, da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária – PRCEU/USP. Foram três viagens a Portugal, com demonstração de processos de pesquisa, acompanhamento de algumas aulas de atuação, discussão com professores(as), palestras e apresentação de espetáculos. Essas viagens foram

lideradas pelo Prof. Coutinho, com a presença de três ou quatro pesquisadoras(es) alunas(os) diferentes por viagem. A terceira e última teve também a presença do Prof. Armando – quando aconteceu um Colóquio Internacional, com a presença dos dois coordenadores do CEPECA.

No ano seguinte, 2014, o projeto se tornou *Inter-Câmbios: América Latina* e foi apresentado em novo edital, conseguindo novamente o subsídio da PRCEU/USP. Foram quatro viagens, sempre com a liderança do Prof. Coutinho e mais três ou quatro pesquisadoras(es) alunas(os) diferentes por viagem. A primeira para a Colômbia, com a parceria da *Universidad Nacional de Colombia* e da *Universidad Pedagógica Nacional*. A segunda foi para o Chile, com a parceria da *Universidad de Chile*, da *Pontificia Universidad Católica de Chile*, da *Universidad de Arte Y Ciencias Sociales - ARCIS* (Chile), *Universidad de La Frontera*. A terceira viagem foi para o Peru, com a parceria da *Escola Superior de Arte Dramática*. A quarta e última foi para a Costa Rica, com a parceria da *Universidad de Costa Rica*.

Nesta mesma viagem, o grupo passou pelo México e fez uma visita *Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)*, na qual fez uma conversa com professores(as) interessados em fazer mestrado. Já havia o interesse por parte deles em um Minter², que só se concretizou em 2018. O Prof. Armando participou da viagem ao Chile, na qual aconteceu um encontro com pesquisadores(as) da *Universidad de Chile* sobre pesquisa prática em Atuação. As atividades foram as mesmas do projeto anterior, isto é, palestras, oficinas, demonstração de processos de pesquisa, discussões e espetáculos.

O grupo sempre teve, entre seus membros, pessoas com carreira artística estabelecida, que ajudam no trânsito do universo artístico e acadêmico, dirimindo preconceitos de ambas as partes. O coletivo funciona, desde a fundação, como uma curadoria grupal que oferece suporte acadêmico às dissertações e teses de suas(seus) pesquisadoras(es). Em geral, nos encontros semanais ocorrem as demonstrações de processo de pesquisa, sempre às quintas-feiras das 10h às 13h.

Todas(os) as(os) participantes presentes observam e se mobilizam em torno de uma ou duas apresentações práticas e/ou teórica sobre as pesquisas, ou mesmo de projetos de pesquisa no caso daquelas(es) que ainda não entraram na pós-graduação. Em seguida a apresentação individual de cada processo, o grupo pergunta, questiona, indica referências, levanta hipóteses, faz digressões, etc. Porém, cada integrante determina os rumos a seguir com sua investigação, junto com seu orientador. Conforme consta no estatuto do grupo:

² Mestrado Interinstitucional conduzido por uma instituição promotora (PPGAC-USP) nas dependências de uma instituição de ensino e pesquisa receptora (UNAM).

O objetivo principal do CENTRO DE PESQUISA é reunir em grupo de estudos práticos sobre interpretação professores, alunos de pós-graduação e graduação. Metodologicamente, projeta a realização de um roteiro de trabalho que compreende a aplicação de ações, procedimentos e exercícios decorrentes de projetos de pesquisas desenvolvidos por cada componente, visando resultados perceptivos e trabalhos práticos (SILVA, 2010, p.25).

Os encontros do Grupo Acadêmico visam provocar a reflexão teórica e a experimentação cênica a partir do ponto de vista da(o) atriz-pesquisadora(ator-pesquisador). É um espaço de troca e discussão em que os diferentes temas de pesquisa se desenvolvem e se contaminam, compartilhando experiências e dúvidas práticas e/ou conceituais.

O impacto estético provocado nas demonstrações de processo de pesquisa abre portas à receptividade, causando rupturas e capilaridades perceptíveis – o que facilita as interferências e observações do grupo a respeito de cada trabalho. A teoria e a prática neste arcabouço tornam-se indissociáveis.

Contudo, o que deve ser enaltecido no CEPECA, o tesouro deste coletivo, é a relação impreterível entre os membros e suas pesquisas, em que a alteridade evidencia e indica possíveis caminhos. O intercâmbio de ideias, o enriquecimento intelectual, o aprendizado são a constante dos encontros, de modo que as(os) integrantes se sentem sempre renovadas(os). Não há mestres ou discípulas(os), o grupo é um coletivo que vive e se alimenta da própria coletividade. Tal como salientou o Prof. Dr. Renato Ferracini, do LUME-Unicamp (Universidade de Campinas), em um dos encontros entre os dois grupos de pesquisa: *O CEPECA é um coletivo de individualidades.*

O ambiente e a segurança-instável: conceitos norteadores das pesquisas desenvolvidas³

Eduardo De Paula

Sexta-feira, 14 de agosto de 2020, Uberlândia, estado de Minas Gerais, Brasil - quase cinco meses do início do isolamento social imposto pela pandemia de COVID19. Hoje: 105.791 mortes oficializadas. A trajetória colocada em jogo por uma suposta cronologia, me faz lembrar que se passaram pouco mais de 13 anos do primeiro contato que tive com o CEPECA. Lançando um olhar para um futuro próximo, percebo que rapidamente vamos nos aproximando de dezembro: o suposto mês das viradas, mudanças, esperanças, projeções de quereres hipotéticos e sonhos

³ Os tachados no texto são propositais, pois ligam-se diretamente aos processos de descartes inumeráveis que toda pesquisa possui.

(im)possíveis. Salve, Cronos e Kairós, os deuses dos tempos (i)mensuráveis que nos colocam em jogo relacional com o viver!

Este *ilinx* inicial funciona como espécie de entrada nesta escrita regida por memórias e afetos - o mais recente chegou precisamente em onze de agosto, com uma mensagem de *WhatsApp* enviada pelo Coutinho – assim chamado, carinhosamente, nosso mestre Eduardo Tessari Coutinho⁴:

Boa tarde Edu! Apareceu um edital de artigo, para o final deste mês [...] da UFRJ, eles querem artigos sobre coletivos e não sobre 'gênios' - como escrevem no edital! Eu fiquei pensando [...] em um grupo de pessoas e escrever à várias mãos, porque deve 'falar' sobre coletivo e tem que também ter essa 'pegada'! Pensei no CEPECA ... tá bom? ... um beijo.

A partir de então, fizemos pontuais trocas de mensagens, agendamos um encontro por videochamada às 20h do dia 13 de agosto, com a participação, também, de Ipojucan Pereira – outro integrante e participante ativo do CEPECA.

Entre propostas, escutas, aceites e descartes, memórias, risadas e silêncios, inúmeros termos, princípios e conceitos, surgiam como borrões na folha inicialmente em branco colocada à minha frente para anotar as associações de ideias provocadas pela conversa e assim tentar estabelecer uma espécie de mapa mental norteador para esta escrita. Agora, aqui sentado, escrevendo no inverno brasileiro sob o sol de 30°, fervilham em meus pensamentos as seguintes conexões⁵:

CEPECA Pesquisa Caminhos Escuta Maturidade Proposição Atitude Ambiente Colaboração Horizontalidade X Hierarquia X Alteridade X Diferença Segurança & Instabilidade Liberdade Espaço/Coletivo regido pela Ética, possibilitadora do exercício da exposição ... exposição permeada pela coragem e segurança-instável, todas propiciadas pelo ambiente altamente especializado, propositivo e Ético. Observar Criar Estar aberto Estar receptivo Ser proativo Ser propositivo Silenciar Ouvir

Considerando este conjunto de ~~conectores~~ conceitos norteadores das pesquisas desenvolvidas no CEPECA, escolho seguir 'o caminho do sensível' e, com ele, escrever o que está por vir. Aos que se aventurarem nesta leitura, desejo: ~~"Boa viagem"~~ que dela tirem algum proveito.

~~Neste momento~~, elejo refletir sobre duas questões que, a meu ver, se apresentam fundantes: "ambiente" e "segurança-instável".

Considerando que os processos artísticos se orientam pelo binômio pesquisa/criação, é possível observar em suas diferentes e correlatas etapas que o ambiente – ~~destaco que 'ambiente'~~ é compreendido de modo mais justo se considerado como o coletivo envolvido, em harmonia

⁴ Comunicação do Prof. Dr. Eduardo Tessari Coutinho [mensagens de *WhatsApp* enviadas a Eduardo de Paula]. São Paulo, agosto de 2020.

⁵ Anotação pessoal em aula por Eduardo de Paula em 2020

com o local ou recinto – é altamente decisivo nas buscas e descobertas significativas para as especificidades das indagações das(os) ~~sujeitos-participantes~~ artistas-pesquisadoras(es). Com este posicionamento, me parece justo definir o CEPECA como ‘ambiente’ altamente propositivo, constituído por artistas/acadêmicas(os)/artistas-docentes/pesquisadoras(es), ~~todos~~ sujeitos com certa maturidade e experiência, e em busca pela organização de suas metodologias a partir do atrito com o estado atual das artes da cena. Em qualquer processo criativo a noção acerca de segurança é sempre movediça e instável – assim como o viver e o aqui-agora – pois, ainda que seja portadora de certa previsibilidade, nunca pode ser considerada fixa ou estável, caso contrário, ~~seus princípios~~ não funcionaria como impulsionadora nas buscas e nas conseqüentes descobertas necessárias para todo processo de pesquisa-criação.

Observando ‘ambiente’ e ‘segurança-instável’ como dois polos que se retroalimentam, juntos circunscrevem duas marcas identitárias do CEPECA: ambiente aberto às relações com o meio, os sujeitos e o pacto com o respeito à diversidade das proposições. Das noções relativas à ‘identidade’ emerge a definição sobre ‘impressão digital’ circunscrita pelo Prof. Dr. Armando Sérgio da Silva (2010), em sua pesquisa de livre-docência “Oficina da Essência”: ao contrário da impressão digital que encontramos em um ‘documento de identidade’, o conjunto de marcas identitárias que definem um indivíduo [um personagem de ficção ou uma persona performativa] são sempre móveis, abertos e em jogo a partir das relações promovidos pelos ambientes conviviais, ou seja, o binômio ‘arte-vida’ como ambiente constituinte e processual do indivíduo artista.

Na tentativa de compartilhar algumas diretivas que vêm à tona ao rememorar minhas primeiras incursões no CEPECA, retomo algumas possibilidades de abordagem da Ética como atitude e conduta no ambiente de trabalho. Uma delas liga-se diretamente ao compromisso, à responsabilidade e à palavra empenhada. Explico: percebo que suas(seus) integrantes são sujeitos altamente envolvidos com ‘o fazer e a pedagogia teatral’, e interessados nos processos de preparação e criação atorais. Estes ~~três~~ aspectos implicam em um tipo de comprometimento e envolvimento com a prática de um ofício em um ambiente acadêmico e artístico, gerando ‘resultados em trânsito’ que deverão ser defendidos à luz de teorias de referências para, com elas e a partir delas, encontrar as particularidades e as definições relativas às particularidades de cada uma das pesquisas. Os sujeitos que optam por se envolver com este tipo de caminho, se comprometem com o exercício de uma Ética baseada no respeito, na escuta, na proposição e principalmente na ‘autonomia criativa’, a qual, embora ~~possa parecer~~ bela, é portadora de incertezas e imprecisões – elementos constitutivos de toda pesquisa científica e/ou artística.

Nestes dias, além de revirar a memória, encontrei em um ~~dos meus~~ cadernos de registros, algumas anotações relevantes do primeiro encontro do CEPECA no segundo semestre de 2008⁶:

Sobre as aulas:⁷

... o que você experimentou no corpo? Que relação o material toca o 'meu' trabalho? Quais conexões ... Quais teatrólogos de referência se conectam às pesquisas?

Sobre o CEPECA e as apresentações das pesquisas de cada um:

... quando 'vem' apresentar, vem buscando um diálogo artístico, não vem buscando 'direção'; cada grupo tem que funcionar como uma 'célula' autônoma de criação...⁸

Quando volto 'o olhar da memória' para estes primeiros tempos do CEPECA, junto com o espaço físico onde se realizavam os encontros, reconheço o ambiente e, dele, aos poucos, surgem alguns rostos e nomes das⁹ integrantes daquele período: Laura Lucci, Renata Mazzei, Rejane Arruda, Débora Zamarioli, Cândida Palladino, Sandra e Cláudia – destas, me fogem os sobrenomes, mas ainda assim gostaria de aqui deixar registrado. Esta condição de rememorar me ~~transporta~~ conecta também à condição análoga do observador: *sine qua non* ao do pesquisador – mas, também: do encenador(a) e do ator(atriz), ambos(as) artistas criadores e colaboradores(as) com a obra de arte: o acontecimento cênico.

Observador e sala de ensaio.

Sala de ensaio como laboratório para experimentações, organizações e compartilhamentos. Eis que surge a condição mais estrita de *Ser* no CEPECA: observadora(or). Observar, saber compreender as pesquisas a partir das particularidades contidas em suas proposições para, então, tentar elaborar análises relacionais e, enquanto observadora(or) atenta(o), ~~poder~~ contribuir com a continuidade das pesquisas a partir dos experimentos cênicos apresentados/compartilhados.

Certo da incompletude sobre os caminhos da pesquisa no CEPECA, tento finalizar definindo o seguinte verbete:

CEPECA: 1. ambiente coletivizado e colaborativo; altamente especializado; propositivo; regido pela Ética. 2. Possibilitador do exercício da exposição - permeada pela coragem e segurança-instável. 3. Lugar para: exercitar a escuta e a observação; ser propositivo; reconhecer as horizontalidades e as alteridades nas relações; Espaço para colocar-se aberto, receptivo. 4. Oportunidade para gerar o(s) silêncio(s). 5. Acrônimo de Centro de Pesquisa em Experimentação Cênica e Atuação.

⁶ Encontro ocorrido no dia cinco de agosto de dois mil e oito; sala vinte e três, do departamento de Artes Cênicas – CAC-ECA/USP.

⁷ Uma das propostas norteadoras deste período (2º semestre de 2008), era a de que cada um(a) dos(as) pesquisadores(as) envolvidos desse uma aula (teórico-prática) e, a partir das experiências, os interesses de pesquisas seriam intercambiados – o que acabava gerando um ~~campo-rico~~ ambiente altamente catalizador para cruzamentos, interferências, colaborações e continuidades ~~das pesquisas~~.

⁸ Orientação dada pelo Prof. Armando.

⁹ Importante destacar que o primeiro ano e meio de existência do CEPECA, foi marcado pela participação exclusiva de mulheres pesquisadoras – excluindo, claro, o Prof. Armando.

* Dedico este texto por mim escrito, à memória da saudosa Laura Lucci. Sem ela, eu não teria a oportunidade de aceitar o convite para participar do CEPECA. Se isso não fosse, o que por hora sou, não teria se concretizado. Meus sinceros agradecimentos.

A potência, alegria e responsabilidade de fazer parte

Eduardo Tessari Coutinho

Neste período de isolamento, a escrita me remete sempre aos momentos presenciais. O desejo de voltar ao convívio, ao toque, ao brilho nos olhos, à percepção de energias, enfim, às sensações e sentimentos dos grupos que nos atravessam. O CEPECA é um desses grupos, dos mais importantes para mim. Escrever sobre ele me remete a muitas recordações, seja de 10 anos ou algumas horas atrás. O grupo ainda existe, persiste, resiste e, neste 2020, no ambiente *online!*

No CEPECA, a entrada é aberta, isto é, qualquer pessoa pode participar do encontro. Algumas resistem e permanecem, outras apenas passam, acompanham uma ou duas vezes. As regras são colocadas para todas as pessoas que chegam: apresentar-se, abordar seu interesse em relação à pesquisa e o que a traz especificamente ao grupo. Passam, inclusive, estudantes de outros orientadores. Eu mesmo passei um ano apenas participando algumas vezes, para depois me efetivar como membro.

Com o tempo, comecei a ajudar na orientação das(os) integrantes que estavam no mestrado e doutorado. Portanto, a vivência no CEPECA foi me ensinando a ser um orientador. Só depois de mais de dois anos frequentando como membro do grupo, é que me senti apto a assumir essa delicada e importante função de orientação acadêmica. Então, tornei-me orientador no PPGAC-ECA-USP.

Passei os quatro primeiros anos nessa função, com a presença do Prof. Armando nos encontros, participando dos comentários como um membro comum, o que também contribuiu para o meu desenvolvimento como orientador. Após sua aposentadoria, herdei a coordenação do grupo. Agradeço ao Prof. Armando por esse maravilhoso presente. No ano seguinte, tive a presença assídua de suas(seus) últimas(os) orientandas(os).

Depois do término das teses orientadas pelo Prof. Armando, o grupo foi coletivamente fazendo pequenas alterações de organização, preservando o princípio do grupo, que era reconhecido como fundamental: a partilha das pesquisas. Esse princípio desenvolve no grupo várias habilidades para a investigação. Primeiro, aprender a colocar as dúvidas, as questões não resolvidas, características importantes para ser pesquisadora(or): aquilo que ainda não sei. Dessa

forma, essa abertura para o diálogo é valorizada, na contramão da importância dada ao sucesso “do que eu sei”, tão impregnada em nossa sociedade.

Outra questão é a escuta do projeto apresentado, exercitando o “colocar-se no lugar do outro”, na busca de entender o que falar e ter algo a contribuir, assim como foi em meu próprio processo. Com isso, abre-se a possibilidade de adquirir alteridade e consciência da diversidade. Por fim, ser propositiva(o), responsabilizar-se pelo desenvolvimento do outro, ter generosidade e olhar crítico no diálogo. Isso envolve o grupo todo, incluindo a orientação.

Existe a diferença na função; orientador e orientanda(o), e suas respectivas responsabilidades, entretanto, nos momentos de partilha, há uma horizontalidade nas relações. Outra questão em relação à estrutura de funcionamento do grupo, que considero muito importante, é o fato das(os) orientandas(os) terem de organizar as suas investigações de maneira sistemática para apresentar ao coletivo, o que ajuda no processo de construção da pesquisa e do papel de pesquisadora(or).

Sobre meu olhar de orientador, pela diversidade de temas, os encontros semanais contribuem no meu desenvolvimento. Aprendo não apenas com os conteúdos das pesquisas, mas também com a forma de pensar, organizar e refletir de cada pesquisadora(or). Busco desenvolver nas(os) orientandas(os) este olhar crítico, reflexivo, com o intuito de criar o necessário rigor acadêmico, mas não há um modelo, um padrão.

O CEPECA é um espaço que também produz uma reflexão sobre o próprio ato de pesquisar na academia. Quais são os pressupostos acadêmicos a serem mantidos e quais a serem questionados? A resposta é, como em qualquer pesquisa: não sabemos antecipadamente. Então, o grupo se arrisca em algumas questões, propondo metodologias de investigação, formatos do material escrito, maneiras práticas de apresentar a defesa etc. Ampliamos o nosso grupo de troca com a escolha dos membros das bancas de Exames de Qualificação e de Defesas. Temos uma importante devolutiva de parceiros da academia, professores(as) e pesquisadores(as) com experiência, que contribuem no conteúdo e na forma.

Após cada Exame de Qualificação, a experiência é trazida para o CEPECA. São discutidas as arguições, com o intuito de entender e aprender. São novos olhares sobre as propostas daquela(e) integrante, vindo de pessoas experientes e qualificadas no tema da pesquisa e no “pensar a arte” dentro da academia. Também são trazidas as defesas de dissertação e tese, pois fazem parte do processo de aprendizagem acadêmica da(o) aluna(o) pesquisadora(or) e também do grupo.

O caminhar em grupo leva muitas vezes a uma idealização de que sempre se chega a uma proposta única, uma resposta certa, que em grupo sempre se encontra “a melhor” resolução para

todos. As relações com proposta mais horizontais não são fáceis de serem vivenciadas. A figura do(a) líder, e não de um chefe/dono(a), torna-se fundamental. Ter uma visão menos romantizada e o que devemos buscar em grupo, é o que nos diz Rosane Rodrigues:

O que se busca é a transformação, a multiplicação de sentidos, a desorganização da resposta pronta e acabada. A desconstrução de velhos valores que não servem mais e o garimpo dos que ainda servem e renová-los. E, num grupo, a busca de um objetivo comum, não de consenso. Cada indivíduo pode viver a experiência grupal e catártica, porém sem perder a lealdade a si mesmo e, ainda assim, todos estarem incluídos. (RODRIGUES, 2016, p.33)

Com este ideário e prática, acredito que o CEPECA esteja contribuindo com os objetivos da Universidade de São Paulo (USP), que em seu Estatuto, no artigo 2º, item I diz “promover e desenvolver todas as formas de conhecimento, através do ensino e da pesquisa.”. Estamos buscando desenvolver formas de conhecimento a partir da reflexão sobre a experiência prática do fazer nas Artes Cênicas na contemporaneidade: os saberes para o tempo do agora, pelo corpo de quem vive hoje.

Um espaço de cooperação investigativa

Ipojucan Pereira da Silva

Cheguei ao CEPECA no ano de 2013, com o intuito de aprofundar a pesquisa de doutorado que vinha desenvolvendo. Minha participação não estava vinculada ao cumprimento de créditos acadêmicos ou ao acompanhamento direto de algum trabalho desenvolvido por meu orientador. Apesar do grupo ser constituído, em sua maioria, por orientandas(os) do Prof. Armando Sérgio e Prof. Eduardo Coutinho, não havia nenhuma obrigatoriedade ou diretriz que interditasse a participação de quem quer que fosse, mesmo que não tivesse uma pesquisa acadêmica encaminhada, ou que simplesmente quisesse se iniciar no exercício do pensamento científico. O CEPECA se configurava, dessa maneira, como um espaço aberto e acolhedor a qualquer pessoa interessada em fazer parte das digressões conduzidas semanalmente sobre os trabalhos das pesquisadoras(es).

O fato do grupo de pesquisa ter como foco os processos de investigação conduzidos por atrizes-pesquisadoras (atores-pesquisadores), ou, como denominado pelos seus participantes, ‘pesquisatores’, estava em consonância com alguns eixos organizadores da minha tese. Outra questão bastante atraente era o fato de que todo o objeto de estudo sobre o qual nos debruçávamos estava sempre sendo orientado pela prática. Inclusive, essa era uma das poucas regras para àqueles que desejavam ingressar no CEPECA: independente do tema a ser

investigado, ou dos aportes teóricos envolvidos, era necessário que a experimentação laboratorial estivesse indissolúvelmente imbricada no processo, sobretudo porque era sobre esses experimentos cênicos que nos detínhamos a cada encontro, para por meio deles, dialogarmos com o trabalho da(o) pesquisadora(or) envolvida(o).

Basicamente, as investigações assumiam dois vieses no que diz respeito à dimensão estratégica do emprego dos experimentos cênicos: a prática como objeto de estudo por si mesma – referente ao trabalho da própria pesquisadora(or) ou de outra(o) artista investigado por esse –, ou como metodologia de pesquisa, o que nesse caso envolvia, no geral, a colocação da(o) pesquisadora(or) como investigadora(or) do seu fazer artístico. O mais interessante era esse segundo caso, pois percebia-se um campo vasto de exploração das fronteiras acadêmicas pré-estabelecidas e sua ênfase no suporte da escrita para a comunicação de resultados práticos e laboratoriais.

Via-se nas(os) pesquisadoras(es) do CEPECA uma constante atitude desafiadora, em ir além de tão somente orbitar com a prática os seus processos, mas torná-la o centro, o eixo, a espinha dorsal da qual partiriam todas as decisões e encaminhamentos de suas pesquisas. Segundo Brad Haseman, a “pesquisa guiada-pela-prática [...] [é] uma estratégia potente para aqueles pesquisadores que desejam iniciar e depois prosseguir a sua investigação através da prática” (HASEMAN, 2015, p. 41), em contraposição àqueles que configuram uma relação mais tradicional, na qual o projeto é impulsionado por uma questão ou problema, o que constitui, na visão de Haseman, numa “pesquisa guiada-pelo-problema” (HASEMAN, 2015, p. 44).

No CEPECA essas duas perspectivas coexistem pacificamente, e até mesmo simbioticamente. Isso só é possível porque a dinâmica estabelecida para os encontros está baseada numa espécie de “orientação coletivizada”: todo trabalho apresentado ao grupo é submetido ao olhar de todas(os) as(os) presentes, que contribuem com inúmeras referências e apreciações, auxiliando e amparando a(o) pesquisadora(or) nas suas digressões incertas, no empirismo de suas decisões, na aposta de experimentar algo para daí ver o que pode, ou não, emergir.

Esse modo de operar a produção do conhecimento coloca em xeque o *locus* tradicional da(o) pesquisadora(or) acadêmica(o), já que “os atores individuais são apenas os representantes daquilo que produziram em conjunto [...]. Estabelece-se, assim, uma espécie de consciência coletiva do ‘conhecimento compartilhado’” (CETINA, 2010, grifo do autor), baseado no que podemos chamar de um “processo de investigação cooperativo”. Nas observações da socióloga

Karin Knorr Cetina, especializada em pesquisas etnográficas no âmbito da cultura da comunidade científica:

Isso leva, como sabemos, a conflitos em torno de autoria e quem está em que posição na publicação. A física de altas energias procura, em contrapartida, liberar a cooperação, na qual é o conjunto que está no ponto central. O fio condutor não é mais a carreira, mas o resultado científico [...]. Muitos pesquisadores em sociologia e nas humanidades, de maneira geral, produzem resultados parciais, fragmentados, que não se agregam dentro de um sistema numa perspectiva cumulativa [...]. Em muitas ciências empíricas devemos investigar no processo cooperativo – já que na natureza todas as partes de um sistema se inter-relacionam (CETINA, 2010, grifo nosso).

A cooperação entre ‘pesquisa-atores’, somada à pluralidade de experiências e bagagens artísticas e acadêmicas que cada um carrega, constitui um veio precioso que só pode ser explorado na sua plenitude numa relação horizontal de compartilhamento de conhecimentos. Ao se concentrarem, conjuntamente, como bem observa Knorr Cetina, no objeto de estudo alheio, e não no seu próprio, com a suspensão dos interesses individuais em prol da aventura do livre pensamento e da prática cênica experimental, o grupo institui um espaço com capacidade efetiva de propiciar a pesquisa em equipe. E mesmo nessa perspectiva de pesquisa coletivizada, as(os) pesquisadoras(es) mantêm sua autonomia e individualidade quando da publicação de seus trabalhos.

Os conflitos em torno da autoria ou propriedade intelectual, como apontado por Knorr Cetina, deixam de ter nesse ambiente questionamentos relevantes, pois o único compromisso é o de citar em suas referências o papel do CEPECA nas suas investigações. Como bem observa Michel Foucault, em “O Que é um Autor” (2009), a condição da autoria do discurso científico sofreu uma mudança na era moderna. Marcados no período medieval pelo nome de sua autora(or), como prova de que foram testados e comprovados pelo mesmo, os textos científicos passaram a ter sua verdade vinculada “a um conjunto sistemático, [a Academia], que lhes dá garantia, e de forma alguma a referência ao indivíduo que os produziu” (FOUCAULT, 2009, p. 276).

Talvez, a imagem do palimpsesto seja a aproximação mais acertada no caso do CEPECA: a ideia de um pergaminho no qual sucessivas escritas se sobrepõem, num processo operacional de apagamento parcial de textos e a conservação de resíduos de vozes e discursos. Numa escrita palimpséstica, o suporte, o espaço sobre o qual os inúmeros textos são inseridos, possibilita um diálogo e uma relação intertextual por meio da transparência, da visão/leitura do “antigo sob o novo [...], [no qual] um texto pode sempre ler um outro, e assim por diante, até o fim dos textos” (GENETTE, 2010, p. 06).

O importante nesse processo não é a primazia de quem fala, mas sim o local, que permite o cruzamento de ideias, vozes, práticas e discursos. O CEPECA institui dessa maneira um espaço

cooperativo de pesquisa tanto teórico quanto prático, ao mesmo tempo artístico e acadêmico, no qual o processo de investigação é o centro para onde convergem todas as individualidades. À(Ao) pesquisadora(or) das artes cênicas, que assim como eu, deseja embarcar na aventura da experimentação laboratorial em equipe, o CEPECA sempre estará de portas abertas, pronto para o acolher.

Dos caminhos e seus caminhares – encerramento fugaz e flutuante

O CEPECA, após 4 anos do afastamento de seu criador e neste momento de isolamento social, tem tido um incremento no número de integrantes presentes nos encontros. São novos rostos e antigos que retornam, com quatro bolsistas CAPES e duas integrantes recém-aceitas em Programa de Pós-Graduação de outra Universidade, dando mostra de sua potência e relevância.

É certo que todas(os) aquelas(es) que se envolvem com a pesquisa guiada pela prática no ambiente acadêmico deparam-se com os processos de criação de um evento cênico, transformado em seu próprio campo de pesquisa, e os processos de escrita acadêmica, responsável por compartilhar e “fixar” suas resultantes.

O par complementar – criação e escrita – funciona como uma espécie de ‘moto contínuo’ e impulsiona um ciclo de retroalimentação responsável pelos processos gerativos da pesquisa. Neste sentido, as resultantes teóricas possuem forte vínculo com o memorial como escrita e/ou com a autoetnografia, já que em ambos os casos, as identidades textuais aproximam-se de relatos de experiências em diálogo reflexivo com as teorias de referências.

Destaca-se, também, que ao desenvolver as pesquisas em um ambiente cooperativo e ao mesmo tempo desestabilizador, os sujeitos colocam-se em jogo de modo aberto e poroso, com a escuta mais aberta e disponível para aceitar e avaliar de modo continuado as proposições momentâneas e, pouco a pouco, (re)arranjar e (re)construir as especificidades das referidas práticas de pesquisa – bem como, a organização dos saberes e conhecimentos nas teorizações resultantes.

Não é possível afirmar que a ação de pesquisar não seja portadora de certa aridez – ao contrário! Mas, talvez, o desenvolvimento dos processos criativos em grupo seja facilitado pelo ambiente de potência que se institui, pelas alegrias e agruras das descobertas compartilhadas em uma grupalidade de interlocutores heterogêneos, interessados e pactuados com o acordo subjacente de cooperação.

REFERÊNCIAS:

- FOUCAULT, Michel. **O Que é um Autor?** In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298.
- CETINA, Karin Knorr. **Acelerador de Gente**. [Entrevista concedida a] José Galisi-Filho. Folha de São Paulo - Caderno Ciência, São Paulo, 02 de maio de 2010. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe0205201004.htm>. Acesso em: 16 de agosto de 2020.
- GENETTE, Gerard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Belo Horizonte: UFMG - Faculdade de Letras, 2005.
- HASEMAN, Brad. **Manifesto Pela Pesquisa Performativa**. *Resumos do 5º Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP*, v. 3, n. 1, 2015, PPGAC-ECA/USP, São Paulo, p. 41 – 53.
- LUCCI, Laura Kiehl. **O corpo cênico e a mímica corporal dramática de Etienne Decroux: reflexões para abordagens contemporâneas**. [Dissertação de Mestrado; Orientação: Armando Sérgio da Silva]. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- RODRIGUES, Rosane. **Teatro de Reprise: Improvisando com e para grupos**. São Paulo: Ágora, 2016.
- SILVA, Armando Sérgio da. (org.). **Oficina da Essência** – in: *CEPECA: Uma Oficina de Pesquisadores*. São Paulo: Associação Amigos da Praça, 2010.
- USP - Universidade de São Paulo. Estatuto da Universidade de São Paulo, disponível em <http://www.leginf.usp.br/?resolucao=consolidada-resolucao-no-3461-de-7-de-outubro-de-1988#t1>. Acesso em 25 de agosto de 2020.